

Henri Béjoint  
henri.bejoint@univ-lyon2.fr

Philippe Thoiron  
thoiron.philippe@univ-lyon2.fr

## Modelo relacional, definição e denominação<sup>1</sup> Relational model, definition and denomination

**RESUMO** - Neste artigo, os autores se debruçam sobre os vínculos entre, de um lado, o sentido de um termo, tal como representado em sua definição, com o conjunto de seus constituintes, e, de outro, sua denominação. Para tanto, retomam, através de exemplos, a noção de modelo e de traços relacionais, questionando-se sobre as escolhas lexicográficas na definição.

**Palavras-chave:** modelo relacional, traços conceituais, definição, denominação.

**ABSTRACT** - In this paper, the authors have addresses the links between, on the one hand, the meaning of a term, as represented in its definition, with all of its constituents, and on the other, its denomination. To do so, they reintroduce, through examples, the notion of model and relational features, discussing about the choices in the lexicographic definitions.

**Key words:** relational models, conceptual features, definition, denomination.

### Modelo relacional e relações conceituais

#### A noção de modelo relacional

Todo termo corresponde a um conceito que se inscreve numa rede de relações de tal forma que se pode dizer, tipicamente, que um A é uma espécie de B, da mesma forma que C, e contrariamente a D. Com frequência, representam-se essas relações sob a forma de estruturas hierárquicas de conceitos ou taxinomias. A observação é banal, mas nos servirá de ponto de partida para retomar a ideia de “modelo relacional” (Pottier, 1992, p. 202), tal como é utilizada por Thoiron (1994, p. 769) e Boisson (1996).

Podemos considerar que as diferentes denominações de um conceito, em uma ou mais línguas, decorrem de um modelo relacional que pode ser numerado sob a forma de uma lista de elementos de nominação, cada um representando um traço conceitual constitutivo do conceito designado pelo termo<sup>2</sup>. Assim, o modelo relacional de <POMPIER><sup>3</sup> [bombeiro] seria, segundo Pottier (1992):

<i>quelqu'un</i> [alguém]	<i>lutter contre</i> [lutar contra]	<i>feu</i> [fogo]	<i>(avec) pompe</i> (com) [bomba]
1	2	3	4
	<i>éteindre</i> [apagar]		

Esse modelo propicia denominações como:

3-2-1	alemão	<i>Feurwehrmann</i>
	inglês	<i>firefighter</i>
3-1	inglês	<i>fireman</i>
4-1	francês	<i>pompier</i>
	espanhol	<i>bombero</i>
2-1	francês	<i>éteigneur</i> , etc.

É preciso enfatizar bem que os quatro constituintes desse modelo são apenas elementos de nominação suscetíveis de serem utilizados na denominação do termo, assim como podem resultar da observação das denominações do conceito <BOMBEIRO> em algumas línguas. Nenhum dos termos estudados, nesse caso, mantém todos esses elementos; pelo contrário, cada um faz uma escolha dentre as possibilidades selecionadas aqui, escolha que recai sobre o número dos traços representados (um, frequentemente dois, às vezes três, raramente mais) e sobre sua natureza.

Em seguida, deve-se observar que cada um desses elementos de nominação representa algo que se decidiu chamar de “traço conceitual”, na medida em que esse algo é examinado em seu papel constitutivo de uma entidade conceitual maior, ou seja, aquela denominada pelo termo: tem-se então uma hierarquia traço conceitual – conceito, já

<sup>1</sup> Artigo originalmente publicado em francês: Modèle relationnel, définition et dénomination. In: BOISSON, C.; THOIRON, P. (dirs.). 1997. *Autour de la dénomination*. Lyon, Presses Universitaires de Lyon, p. 187-202. Tradução de Aline Vasconcelos, Bacharel em Letras, (UFRGS); revisão de Cleci Regina Bevilacqua e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard, professoras do Instituto de Letras, UFRGS.

<sup>2</sup> A respeito dessa terminologia, ver Thoiron (1994) e Thoiron *et al.* (1996).

<sup>3</sup> Utilizaremos a seguir palavras do léxico comum para ilustrar alguns fenômenos particularmente importantes em terminologia.

que os primeiros são constitutivos dos segundos. Naturalmente os traços conceituais são eles próprios conceitos,<sup>4</sup> e os termos que os designam poderiam também contar com um modelo relacional representativo das diferentes escolhas possíveis de denominação. Esse efeito recursivo é bem conhecido em lexicografia, onde seus limites foram frequentemente discutidos, assim como as dificuldades que ele provoca para a redação das definições.

Considerando-se o esquema acima como uma lista de traços conceituais, pode-se eventualmente constatar, a partir de agora, que um ou outro traço que parece intuitivamente importante não é citado. Contudo, na medida em que esse modelo não é senão o resultado da observação de denominações reais, não é necessário, nessa etapa, comentar a pertinência dessa presença ou ausência. Retornaremos a isso.

A realidade cognitiva do conceito deixa pouca dúvida — mesmo que seu estabelecimento permaneça em grande parte misterioso — e pode-se igualmente considerar, com razão, que cada conceito é constituído de traços, que se vê então, sem surpresa, “aflorar à superfície” quando se trata de escolher uma denominação. Por outro lado, a natureza exata do traço conceitual ao qual remete cada elemento de denominação é duvidosa. Vê-se bem que o *fire* de *fireman*, por exemplo, representa alguma coisa que tem, sem dúvida, uma realidade no plano cognitivo, mas que coisa é essa? É a ideia de <FOGO>, mas em que sentido? Com que traços? Com que actantes? O rótulo linguístico é, aqui como em toda parte, um signo que recobre uma realidade complexa. É sobre os vínculos entre, de um lado, o sentido de um termo — tal como é representado em sua definição, com o conjunto de seus constituintes — e, de outro, sua denominação — o modelo relacional estando de alguma forma entre os dois — que incidirão as observações a seguir.

### As relações conceituais no interior do modelo

O modelo relacional de <BOMBEIRO> requer neste momento algumas observações. Primeiramente, alguns traços podem ser inferidos a partir de outros (ver Boisson, 1996, p. 549). Assim, o traço <FOGO> pode ser inferido a partir do traço <APAGAR> [apagar] com uma

boa probabilidade<sup>5</sup>. Os dois conceitos mantêm uma relação ao mesmo tempo forte e não-recíproca, de modo que <APAGAR> não pode ser inferido a partir de <FOGO>. Aliás, a definição de *apagar* deverá obrigatoriamente fazer referência a <FOGO>, enquanto a de *fogo* pode muito bem, ao menos no nível formal, passar sem um elemento que represente o traço <APAGAR>.<sup>6</sup> Se encontramos ao mesmo tempo <FOGO> e <APAGAR> no modelo relacional de <BOMBEIRO> proposto por Pottier (1992), é porque <FOGO> pode estar presente numa denominação sob a forma de *fogo* ou de *apagar*. O segundo é evidentemente mais específico que o primeiro: o traço <FOGO> figura na denominação de *pyromane* [piromaniaco], em que ele está representado por um outro elemento de denominação, mas o traço <APAGAR> não figura nessa mesma denominação.<sup>7</sup>

Esse tipo de relação entre um traço conceitual e outro nem sempre é fácil de ser recuperado. No modelo relacional de <BOMBEIRO>, o segundo elemento de denominação representa tanto um traço “simples” <LUTAR CONTRA> ou <APAGAR>, quanto algo mais complexo, podendo ser um traço “composto” ou um conjunto de dois traços, que se poderia rotular como <PERSONNE QUI LUTTE CONTRE> [pessoa que luta contra], ou <PERSONNE QUI ÉTEINT> [pessoa que apaga]. Ou seja, na verdade, uma combinação entre os traços 2 e 1, como se este devesse ser inferido a partir daquele, já que o traço <ACTION> [ação] implica necessariamente a presença de um <AGENT> [agente] que, nesse caso, só pode ser humano. Se a segunda interpretação for correta, ela significa que uma língua que escolhe o traço 2 utilizará um elemento de denominação que implica um agente, e um agente humano. Assim, no termo em inglês *firefighter*<sup>8</sup>, que utiliza explicitamente os traços 3 e 2, o sufixo *-er* é interpretado como indicando o traço 1 (<ALGUÉM>) contrariamente, aliás, a *fire extinguisher*: o mesmo sufixo usado com o verbo *fight* implicaria, ao menos nesse contexto, um agente humano, mas não levaria às mesmas conclusões quando empregado com o verbo *extinguish*.

Em segundo lugar, nem todos os traços conceituais representados no modelo relacional têm o mesmo poder de designação. Evidentemente, nenhum traço sozinho permite a identificação do conceito. Para produzir um

<sup>4</sup> Para não complicar as coisas, usaremos a seguir a mesma notação (maiúsculas entre parênteses angulares) para os conceitos e para os traços conceituais que os constituem.

<sup>5</sup> Mesmo que a palavra francesa *éteindre* [apagar] esteja igual e fortemente associada à palavra *lumière* [luz], e menos fortemente ligada a outras como *télévision* [televisão], etc.

<sup>6</sup> Ver Cruse (1986), que cita exemplos como *cheval* [cavalo] – *écurie* [estabulação], *abeille* [abelha] – *miel* [mel], *oiseau* [pássaro] – *aile* [asa], etc. Atenção: no nível cognitivo, é evidente que <APAGAR> é inseparável de <FOGO>. Os dois estão numa relação que na linguística de Mel’čuk se poderia marcar como uma função lexical do vocábulo *fogo*.

<sup>7</sup> Incidentalmente, o exemplo do inglês *fire extinguisher* parece indicar que nada se opõe — ao menos nessa língua — a que dois traços em que um é inferível a partir de outro sejam representados na mesma denominação. A palavra *extinguisher* sozinha existe também, no mesmo sentido, como a palavra francesa *extincteur* [extintor], mas não temos *\*extincteur de feu* [\*extintor de fogo]. Seriam os vínculos diferentes entre os dois conceitos nas duas línguas?

<sup>8</sup> Este não é o termo mais frequente. Diz-se de preferência *fireman* (ver as frequências relativas em COBUILD).

termo razoavelmente transparente (no nível formal) ou uma definição razoavelmente clara (no nível conceitual), é necessária uma associação de pelo menos dois dos elementos presentes nesse modelo que, na verdade, frequentemente corresponde a três se admitimos que <FOGO> pode ser inferido a partir de <APAGAR> e que <ALGUÉM> deve ser inferido a partir dos outros. Seja qual for a associação considerada, percebe-se que sempre há o primeiro traço (<ALGUÉM>), explícita ou implicitamente, associado a um outro. A associação de <ALGUÉM> e de <APAGAR> (que “contém” <FOGO>) é provavelmente mais eficaz<sup>9</sup>, enquanto <ALGUÉM> + <LUTAR CONTRA> o é muito menos. <ALGUÉM> + <FOGO> é potencialmente ambíguo, pois pode orientar para o conceito de <PIROMANÍACO>.

De qualquer modo, observa-se que, para uma identificação “econômica” do conceito <BOMBEIRO>, é preciso ao mesmo tempo um traço muito amplo (<ALGUÉM>) e um traço muito específico (<APAGAR>). Trata-se de uma lei geral? Certamente não. É bem verdade que se observou com frequência que alguns conceitos podem ser convenientemente definidos por dois traços somente, sendo um “amplo” e um “estrito” e ainda mais claramente quando o segundo é mais estrito. Assim, <INSECTE> [inseto] e <MIEL> [mel] definem bastante bem *abeille* [abelha], e é interessante constatar que foi a associação desses dois traços a escolhida em francês antigo sob a forma de *mouche à miel* [mosca de mel], mesmo que se observe que falta o verbo indicando o vínculo entre os dois elementos nominais.<sup>10</sup> Do mesmo modo, <MAMMIFÈRE> [mamífero] e <BEC> [bico] identificam sem dificuldade o ornitorrinco, sem que se possa realmente perguntar-se sobre a natureza do vínculo verbal.<sup>11</sup> Por outro lado, a definição de *canapé* [canapé], por exemplo (retomando uma palavra cara a Pottier), necessita da presença de vários traços, sendo que nenhum parece ter uma relevância particular.

Por último, os traços conceituais representados no modelo relacional de bombeiro permitem diferentes categorizações. Temos aqui a categoria dos “alguéns” — digamos, pessoas —, a categoria das entidades que lutam contra (ou das pessoas que lutam contra; ver acima), a categoria dos apagadores, entidades ou, mais precisamente, pessoas, a categoria das entidades ou das pessoas munidas

de bomba e a categoria dos fogos ou das “pessoas-fogo” se a associarmos, como as outras, ao traço 1.

Porém, essas diferentes categorias não são igualmente plausíveis enquanto categorias conceituais. A primeira (as pessoas) e a penúltima (os fogos) são as únicas que correspondem a uma estruturação normal dos conceitos na mente humana: somos todos capazes de considerar uma categoria constituída pelo conjunto das pessoas (mesmo que ela seja muito ampla) e uma outra constituída pelos diferentes tipos de fogos.<sup>12</sup> As outras categorias, das entidades ou das pessoas que lutam, das entidades ou das pessoas que apagam, das entidades ou das pessoas munidas de bomba e ainda mais das “pessoas-fogo” nos parecem estranhamente heteróclitas e pouco suscetíveis de fundar categorias utilizáveis.<sup>13</sup>

A categoria dos fogos não interessa tanto para o modelo, na medida em que bem se vê que não acrescenta nada à compreensão do conceito. Parece-nos mais natural classificar o conceito <BOMBEIRO> na categoria das pessoas do que numa das outras, qualquer que seja a denominação escolhida. Os bombeiros são pessoas, se acreditamos no modelo, nada mais nada menos, não são seres vivos, nem apagadores (com os extintores e as pessoas que apagam a televisão), nem lutadores (com as espumas químicas e os especialistas de luta greco-romana). Os bombeiros são conceitualmente próximos dos piromaniacos (pragmaticamente também, mas esse é outro problema): a diferença encontra-se em <APAGAR> e em outro traço ao qual retornaremos.

É interessante observar que o modelo relacional de <BOMBEIRO> contém um elemento representativo dessa categoria principal. Esse nem sempre é necessariamente o caso: para outros termos, ver-se-á que uma ou outra língua não utiliza elemento de nomenclatura capaz de marcar, na própria forma do termo, que lugar ele ocupa na classificação dos conceitos (um *saca-rolhas* não é nem um *saca* nem um *rolhas*) e perceberemos talvez que, em alguns casos, nenhuma língua o faz; em consequência disso, o modelo relacional do termo fica desprovido desse elemento categorizador.

## Definição e denominação

As relações conceituais descritas anteriormente são aquelas cujo traço se encontra também na definição,

<sup>9</sup> Mas, em outras épocas, poderia ter sido a pessoa encarregada de acender os lampiões públicos.

<sup>10</sup> Nesse caso, vê-se bem pela presença de um termo como *mouche à fruits* [mosca das frutas] (ou *mouche à merde*, certamente mais metafórica) que esse vínculo verbal pode ser de várias naturezas, mas um (produzir uma substância) é sem dúvida mais importante que o outro (pôr-se em um lugar).

<sup>11</sup> Não é estranho, a esse respeito, que o francês tenha escolhido um termo com dois elementos em que um é inferível seguramente a partir do outro (<PÁSSARO> a partir de <BICO>), dando assim origem a um termo sem nenhum poder de identificação?

<sup>12</sup> É um acaso o fato de que essas duas categorias sejam as únicas designadas no modelo por substantivos? Caso coloquemos que o cognitivo precede o linguístico, pode-se imaginar que é porque havia nele categorias “plausíveis”, “apropriadas” para que nossa mente quisesse lhe dar um nome.

<sup>13</sup> É possível que essas categorias sejam utilizadas em certos contextos determinados, que, por exemplo, dentre os bombeiros, existam aqueles que apagam e aqueles que desenrolam as mangueiras, etc., e que nesses contextos essas categorias sejam nomeadas. Da mesma forma, a categoria dos bombeiros criou-se talvez em certo momento da história em oposição à categoria daqueles que até então apagavam sem bomba, por exemplo, com baldes. Isso talvez tenha representado um papel importante na adoção dessa denominação.

quando redigida por intensão, caso frequente em terminologia. Elas estão mais ou menos representadas na definição, de forma clara, pela sintaxe da frase definitiva, pela ordem em que os traços são apresentados e por meios retóricos como “frequentemente”, “em geral”, etc. A categoria principal ocupa nessas definições um lugar particular chamado de “gênero próximo”, enquanto os outros elementos representam “diferenças específicas”. Assim, uma das definições de bombeiro é “*homme faisant partie d’un corps organisé pour combattre les incendies* /.../ [homem que faz parte de um corpo organizado para combater os incêndios (...)] (Dicionário *Le Petit Larousse Illustré*, 1993).

Observa-se que, nessa definição, encontra-se a categoria principal que se imaginava após a observação do modelo relacional (sob a forma de “homem”), assim como os traços 2 (combater) e 3 (incêndios). Constatou-se a ausência do traço 4 ((COM) BOMBA) e a presença de um traço suplementar, não previsto pelo modelo relacional, representado pela expressão “que faz parte de um corpo organizado” e que marca uma das duas diferenças importantes entre <BOMBEIRO> e <PIROMANÍACO>. Pode-se fazer a mesma observação a respeito da definição de PR (Dicionário *Le Nouveau Petit Robert*, 1995) para a mesma palavra: “*personne appartenant au corps des sapeurs-pompiers, chargée de combattre incendies et sinistres* /.../ [pessoa que pertence ao corpo de bombeiros, encarregada de combater incêndios e sinistros (...)].

A comparação entre o modelo relacional e as definições é interessante. As definições não estão em jogo, elas parecem completamente adequadas, e o modelo relacional é um dado observável. Então por que diferem? Por que as denominações de bombeiro não mencionam jamais o traço <CORPO ORGANIZADO>? Observa-se que o traço está mal representado linguisticamente: não há elemento morfológico ou lexical simples que faça claramente referência a ele e talvez seja por essa razão que os autores das denominações recusam-se a utilizá-lo. Mas isso só faz com que o problema seja deslocado: como um determinado traço pode ter tão pouca existência linguística embora pareça ter certa importância conceitual?

Por outro lado, observa-se a presença do traço 4 (<(COM) BOMBA>) no modelo relacional e sua ausência nessas duas definições. Por que o autor da denominação francesa (como tantos outros<sup>14</sup>) utilizou um elemento de denominação (bomba) que designa um traço conceitual tão insignificante que não se pode encontrá-lo nem mesmo na definição? Poderíamos postular que o traço em questão é inferível a partir de alguns outros, mas está claro que não é esse o caso: a bomba não é típica do bombeiro e nem mesmo pertence mais a seu arsenal. A ilustração de PL para bombeiro mostra um caminhão vermelho, a legenda

indica explicitamente que se vê nele uma grande escada e uma mangueira, mas sem nenhuma bomba à vista. A explicação é evidentemente histórica: o DHLF (*Dictionnaire historique de la langue française*, 1992) indica que bombeiro adquiriu seu sentido moderno em 1750 e que era preciso, então, alimentar e acionar os hidrantes usados em caso de incêndio. Mas a questão pode ser levada um pouco mais longe, já que lidamos com um termo que designa uma pessoa encarregada de lutar contra o fogo e que deve para isso utilizar instrumentos (no sentido amplo do termo). Mas o que ela utiliza para fazer o trabalho do qual está encarregada é, ao mesmo tempo, pouco importante no universo real – na medida em que estamos em uma situação em que, como se diz às vezes, “é o resultado que conta” – e pouco confiável enquanto elemento de denominação, na medida em que é o traço conceitual (se for mesmo um) mais suscetível de evoluir. Designar o agente de uma ação pelo instrumento que utiliza é condenar o termo à opacidade ao final de um período mais ou menos longo. Trata-se, então, de saber por que os inventores desses termos que contêm um elemento de denominação fazendo referência à <BOMBA> utilizaram essa solução, enquanto outras eram provavelmente melhores, mesmo que fossem os *fireman* (<HOMEM> + <FOGO>) ou *firefighter* (<FOGO> + <LUTAR CONTRA> + <HOMEM>) do inglês. Deve-se formular a hipótese de que, em certas circunstâncias, um instrumento é tão particular, tão único, tão característico, tão facilmente identificável, tão precioso que o inventor do termo sente-se autorizado ou impelido a usar seu nome na denominação das pessoas que estão encarregadas de utilizá-lo, apesar dos inconvenientes que isso acarrete para a qualidade da denominação a longo prazo? Nesse caso, dever-se-ia pensar que, no momento da criação do corpo de bombeiros, era a utilização de uma bomba mais do que a de outros instrumentos de extinção do fogo (baldes, por exemplo) o traço mais característico. Evidentemente, para que a denominação funcione, seria também necessário, provavelmente, que não houvesse outro corpo profissional que fosse caracterizado pelo novo uso de uma bomba.

### As categorias conceituais nas denominações

Nossa observação do modelo relacional de <BOMBEIRO> mostrou-nos: a própria forma de um grande número de termos leva em conta a categoria conceitual na qual convém situá-los. Existe, nesses termos, um elemento de denominação que representa essa categoria. Assim, a forma *régua de cálculo* indica, com ou sem razão, que o objeto assim designado deve ser considerado como um tipo de régua. Boisson (1996, p. 536), após ter proposto nomear de “tema” o elemento de categorização principal

<sup>14</sup> *Bombero* em espanhol; *bomber* em catalão; *bombeiro* em português; *pompieri* em italiano, etc.

e de “rema” o resto da denominação, enfatiza o interesse do estudo dessa estruturação: “[...] a estrutura temática [...], de uma maneira geral, deveria ser cuidadosamente estudada em terminologia, pois o membro temático desencadeia a categorização primeira”.

As últimas observações deste artigo tratarão desse ponto.

Se admitirmos que a estruturação conceitual que figura em uma definição por intensão permite uma representação adequada do conceito a ser definido, podemos desejar que o maior número possível de termos contenha um traço deste em sua própria forma. Existe aí um “ideal” de denominação que privilegia a transparência e, portanto, eventualmente a “compreensibilidade” em detrimento de outras possibilidades como a manipulação.

### Os termos de genérico lexical claro

Encontra-se esse ideal realizado, em diversos níveis, em termos polilexicais como *caixa de areia*, *fitá magnética*, *aquecimento central*, *coreia de Sydenham*, *chave ajustável*, *coq au vin*, *gás propano*, *influxo nervoso*, *jardim público*, *lampe-tempête*<sup>15</sup>, *alavanca de câmbio*, *máquina de costura*, *doença azul*, *mal de Parkinson*, *medula espinhal*, *medula óssea*, *papel adesivo*, *régua de cálculo*, *balde para champagne*, *balde de carvão*, *tábua de passar*, *teto solar*, *trombone de pistons*, etc., que podem ser chamados de “termos de genérico lexical claro”. Uma *caixa de areia* é uma *caixa*, uma *fitá magnética* é uma *fitá*, um *aquecimento central* é um *aquecimento*, etc.

A definição dos termos desse tipo é:

(um) XY (é um) (=) X que...Y

onde X é ao mesmo tempo o elemento de denominação principal na denominação do termo e o gênero próximo na definição.<sup>16</sup> Vê-se que, em francês, quando se trata de um composto nome (+ preposição) + nome, o gênero próximo é mais frequentemente o primeiro elemento de denominação.<sup>17</sup> Nos compostos nome + modificador (adjetivo, etc.), o gênero próximo é igualmente o primeiro, mas não é uma regra absoluta: *compact disc*, *demi-pensionnaire*, *retrovirus*, *contre-exemple* [*compact disc*, *semi-interno*, *retrovirus* e *contra-exemplo*] são contraexemplos. Nesses casos, em inglês, o gênero próximo seria o último elemento.

Dentre esses termos de genérico lexical claro, alguns são, às vezes, reduzidos ao segundo termo. Por exemplo, o *gás butano* torna-se o butano, um *número inteiro* torna-se um *inteiro*, etc. (cf. a função Generalização de Mel’čuk). Mas por que o *ácido clorídrico* não se torna o \**clorídrico*?

Outros termos enfim, como *location-vente*, *poussette-canne*, *wagon-restaurant* [*leasing*, *carrinho de bebê* ou *vagão-restaurante*] parecem ter dois genéricos.

### Os termos de genérico morfológico claro

Já vimos com o exemplo de bombeiro: alguns traços conceituais podem ser representados por elementos que pertencem à morfologia do termo. Assim, o traço conceitual <AGENTE HUMANO> é representado em *bombeiro* pelo sufixo *-eiro*. Da mesma forma, em *otorrinolaringologista*, esse mesmo traço <AGENTE HUMANO> figura sob a forma do sufixo *-ista*.

### Os termos de genérico lexical duvidoso

Existem termos que parecem ter um genérico lexical, mas cujo papel conceitual é duvidoso: é possível questionar-se se frango é o genérico de frango d’água, se arco é o de arco-íris, se caixa é o de caixa de câmbio, se boca é o de boca de lobo, se cadeira é o de cadeira de arruar. Isso ocorre da mesma forma com *mangueira de incêndio* (de novo!), *natureza morta*, *nid-de-poule*<sup>18</sup>, *pas-de-porte*<sup>19</sup>, *chave de grifa*, etc. Existe, em todos esses termos, uma palavra que ocupa a posição do gênero próximo, mas corresponde a uma categoria conceitual somente pela mediação de uma extensão semântica (frequentemente metafórica). Uma *lance à incendie* [mangueira de incêndio] não é verdadeiramente uma *lance* [lança], como tampouco uma *pomme de terre* [batata] é uma *pomme* [maçã]. A consulta em dicionários, sobre esse aspecto, é de pouca ajuda, pois os lexicógrafos parecem escolher uma solução ou outra, em função de critérios que permanecem muitas vezes obscuros. PL (1993) e PR (1995) classificam *arco-íris* [*arc-en-ciel*] em um verbete separado, mas *caixa de câmbio* em *caixa* [*boîte de vitesses* em *boîte*], *cadeira de arruar* em *cadeira* [*chaise à porteurs* em *chaise*] e *mangueira de incêndio* em *mangueira* [*lance d’incendie* em *lance*]. *Boca de lobo* [*bouche d’égout*] (ausente no PL) está classificada em *boca* pelo PR. Os agrupamentos, que parecem ter a preferência dos dois dicionários, têm

<sup>15</sup> N.T.: Em português, esse termo significa lampião e em francês significa literalmente lâmpada-tempedade.

<sup>16</sup> Incidentalmente, as palavras compostas de genérico lexical colocam um problema completamente particular para a redação de sua definição, pois elas pressionam o redator a certa forma de circularidade, como mostra o esquema anterior, onde X aparece de um lado e de outro do sinal =. Trata-se de uma circularidade formal, é claro: as definições dos termos de genérico morfológico (ver a seguir) conduzem à mesma circularidade semântica, mas informal.

<sup>17</sup> O termo *jarret de veau* [corte de carne] é interessante: parece que o genérico seja vitela, no sentido de carne. Muitos termos de açougue parecem ser logicamente construídos nesse modelo: *costela de porco*, *língua de boi*.

<sup>18</sup> N.T.: Pequenos buracos no pavimento das ruas.

<sup>19</sup> N.T.: Valor pago para ter acesso a um ponto comercial ou à locação de um apartamento (aluguel).

a vantagem de permitir economias de lugar, mas por que arco-íris é tratado de forma diferente? É porque se escreve normalmente com hífen<sup>20</sup>?

### Os termos de falso genérico lexical

Alguns termos bi ou polilexicais parecem termos com um genérico, mas trata-se de falsos genéricos na medida em que o sentido não é composicional. São termos opacos porque seus elementos de nominação não representam individualmente nenhum de seus traços conceituais. Por exemplo, *cervelle de canut*, *cul-de-jatte*, *pied-à-terre*, *queue-de-poisson*<sup>21</sup>, etc. Seu estudo diz respeito, antes de tudo, ao estudo da metáfora, mas seria necessário igualmente questionar-se por que em certas circunstâncias o inventor do termo recorreu à metáfora mais que a um sintagma composicional.

### Os termos sem genérico<sup>22</sup>

Há muitos tipos de termos que estão bem longe do ideal acima descrito. Existem inicialmente os termos monolexicais. Thoiron (1994, p. 768) dá o exemplo do francês *loupe* (lupa) que se pode opor ao termo biléxico inglês *magnifying glass*. Sua origem é geralmente antiga, às vezes com uma composicionalidade e uma transparência que desapareceram com o tempo.

Existe igualmente a categoria dos termos polilexicais cuja forma impede que eles contêm a marca de sua categorização principal. Esse grupo parece muito heteróclito do ponto de vista das relações entre forma e sentido. Encontram-se termos como *gancho da calça*, *arranha-céu*, *lava-roupa*, *abridor de garrafas*, *porta talheres*, *junta-poeira*, *saca-rolhas*, *chave de fenda*, *teleférico*, *bondinho*, *elevador de esqui* [*remontes-pentes*, *téléski*, *tire-fesses*], etc. Nesse grupo, encontram-se termos formados por verbo + objeto (lava-roupa, abridor de garrafas, porta talheres), dos quais alguns são concorrentes de termos do tipo, genérico + preposição + verbo: por exemplo, lava-roupa e máquina de lavar. Os termos verbo + objeto podem ser vistos como tendo genéricos implícitos: uma lava-roupa é um “instrumento que serve para lavar roupa”.

Não é possível, no âmbito deste artigo, examinar como se dividem essas categorias principais de termos de acordo com as áreas. Pode-se supor, por exemplo, que existirão muitos termos bi ou polilexicais composicionais em medicina, bem menos termos em matemática, etc.

### Genérico e qualidade do termo

Pode-se pensar que os termos com um genérico explícito e claro (lexical ou morfológico) são de melhor qualidade, pois são mais compreensíveis que os outros tipos de termos, mas será difícil prová-lo. Os termos bem constituídos talvez tenham estatisticamente mais chances de implantar-se do que os outros, mas sabe-se bem qual a força da arbitrariedade do signo: assim que o vínculo é estabelecido entre forma e sentido na sociedade que utiliza o termo, a “qualidade” da forma tem pouca importância.<sup>23</sup> No máximo, pode-se dizer que o papel do terminólogo é cuidar para que os termos sejam formados da melhor maneira possível.

Caso se privilegie a solução do termo genérico claro, é necessário também questionar-se a respeito da escolha desse genérico. Existem os que funcionam melhor que outros? Boisson (1996) observa que, no conjunto das línguas que examinou para a denominação da *régua de cálculo*, os genéricos concretos (*régua*, *prancheta*, *cursor*) superam claramente os genéricos abstratos (*calculadora*, *medidor*). Trata-se de uma lei geral? Uns são melhores que os outros?

Observa-se nos exemplos acima citados que o genérico é mais ou menos genérico de acordo com os casos. Dessa forma, *máquina* é um termo muito geral, assim como *influxo*, *mal* ou *bacia*: são palavras de ampla extensão. *Coreia* é muito mais específico que *mal*. Então por que se diz *coreia de Sydenham*, mas *mal de Parkinson*? As razões devem provavelmente ser pesquisadas no âmbito da história: no caso do *mal de Parkinson*, a categoria na qual deveria ser colocado esse *mal* não estava, sem dúvida, claramente estabelecida no momento da descoberta do conceito, contrariamente ao que aconteceu com a *coreia de Sydenham*. São essas mesmas razões históricas que Boisson (1996, p. 553) evoca a respeito das diferentes denominações da régua de cálculo: “Deve-se imaginar que, em uma época em que a classe das ‘calculadoras’ ainda permanecia pobre e pouco difundida, era mais natural categorizar o objeto em referência a uma outra classe, no momento bem conhecida, aquela das ‘régua’?”

Quando a escolha de uma palavra genérica foi feita, que elemento(s) suplementar(es) se escolhe(m) em seguida? Que vínculo existe entre o conteúdo e o resto do termo? Por que, quando se escolheu nomear o conceito <RÉGUA DE CÁLCULO> [*règle à calcul*] por meio de um termo que utiliza a palavra régua (o que significa que

<sup>20</sup> Sabe-se bem a que ponto o hífen é instável e pouco significativo em francês. Ver Mathieu-Colas (1994). Pode-se dizer o mesmo, e mais ainda, do inglês.

<sup>21</sup> N.T.: Respectivamente, queijo branco batido com sal, pimenta, entre outros ingredientes, que é uma especialidade da cidade de Lyon; cozinheiro muito hábil; enfermo que não tem as pernas; moradia de passagem e cavalo de pau.

<sup>22</sup> Evidentemente, todos esses termos têm genéricos no nível conceitual, como testemunham suas definições, mas sua forma não os mostra.

<sup>23</sup> A pesquisa realizada pelo CRTT sobre a implantação de alguns termos de medicina não permite concluir claramente que os termos mais bem constituídos têm mais sucesso do que os outros. Ver Thoiron *et al.* (1995).

se acha útil indicar que uma régua de cálculo é um tipo de régua), se escolhe em francês o complemento “de cálculo” [*à calcul*] ao invés de *logarítmica* ou *com cursor*? Existem combinações proibidas em certas línguas ou em todas elas?

### Conclusão

Muitas perguntas que podem ser feitas a respeito dos vínculos entre o sentido dos termos e sua forma permanecem sem resposta. Explica-se bastante bem, por exemplo, que alguns elementos de nomenclatura que figuram nos modelos relacionais representam traços conceituais que não figuram nas definições (a <BOMBA> de bombeiro, por exemplo): sabe-se que um ou outro elemento pode ser escolhido porque tinha certa “proeminência” nas circunstâncias particulares da criação do termo e que, atualmente, essa proeminência desapareceu. Mas o fenômeno inverso nos deixa mais perplexos: por que certos traços representados nas definições de um termo não são, ou não são muito, utilizados nas denominações (o <CORPO ORGANIZADO> de bombeiro)? Por outro lado, a noção de “qualidade” de um termo, tal como ela se manifesta no sucesso social desse termo, e suas relações com o modo de formação de sua denominação ainda deve ser muito bem explorada. As respostas que se poderão dar a essas questões permitirão avançar no estudo da neologia em terminologia.

### Referências

- BOISSON, C. 1996. Les dénominations de la règle à calcul. *La dénomination, Méta*, 41(4):525-566.
- COBUILD. 1995. *Collins COBUILD English Dictionary*. Londres, Harper Collins, 1768 p.
- CRUSE, D.A. 1986. *Lexical semantics*. Cambridge, Cambridge University Press, 328 p.
- DICTIONNAIRE HISTORIQUE DE LA LANGUE FRANÇAISE (DHLF). 1992. Paris, Le Robert, 4304 p.
- MATHIEU-COLAS, M. 1994. *Les mots à trait d'union*. Paris, Didier Érudition, 3541 p.
- MEL'CUK, I.; CLAS, A.; POLGUERE, A. 1995. *Introduction à la lexicologie explicative et combinatoire*. Louvain-la-Neuve, Duculot, 256 p.
- LE PETIT LAROUSSE ILLUSTRÉ. 1993. (PL). Paris, Larousse, 1784 p.
- POTTIER, B. 1992. *Théorie et analyse en linguistique*. 2<sup>a</sup> ed., Paris, Hachette, 224 p.
- LE NOUVEAU PETIT ROBERT (PR). 1995. Paris, Le Robert, 2540 p.
- THOIRON, P. 1994. La Terminologie multilingue: une aide à la maîtrise des concepts. *Hommage à Bernard Quemada: Termes et textes, Méta*, 39(4):765-773.
- THOIRON, P.; IWAZ, J.; ZAUCHE, N. 1995. Résultats de l'enquête d'implantation des termes de santé et de médecine. Actes du séminaire “Implantation des termes officiels”. *Terminologies nouvelles*, 12:77-103.
- THOIRON, P.; ARNAUD, P.; BEJOINT, H.; BOISSON, C. P. 1996. Notion d’“archi-concept” et dénomination. *La dénomination, Méta*, 41(4):512-524.

Submetido: 16/11/2011  
Aceito: 28/11/2012

#### Henri Béjoint

Universidade Lumière Lyon 2

Centro de Pesquisas em Terminologia e Tradução (CRTT)

86, rue Pasteur, 69365, Lyon, Cedex 07, France

#### Philippe Thoiron

Universidade Lumière Lyon 2

Centro de Pesquisas em Terminologia e Tradução (CRTT)

86, rue Pasteur, 69365, Lyon, Cedex 07, France